



## APRESENTAÇÃO

### “João Cabral de Melo Neto: *o inconformado conformista*”

Em *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*, Flora Süssekind apresenta uma série de cartas trocadas entre os poetas João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. Como o enfoque dessa obra acaba recaindo sobre João Cabral, ela se mostra interessante no que diz respeito a acompanharmos mais de perto aspectos novos sobre o pensamento e a labuta artísticos do poeta de *Morte e Vida Severina*. Nessas cartas, deparamos com um Cabral por vezes diverso do já-encaixado em adjetivos como “cerebralino” e “seco”; predicativos que revelam bem o que era o poeta (a bem da verdade), mas que não resumem um outro, dinâmico e de também múltiplas perspectivas.

Através dessas mesmas cartas, descobrimos, por exemplo, um escritor ainda reticente no que se referia a seu construtivismo inicial:

Ando com muita preguiça e lentidão trabalhando num poema [*O cão sem plumas*] sobre o nosso Capibaribe. A coisa é lenta porque estou tentando cortar com ela muitas amarras com minha passada literatura gagá e torre-de-marfim.<sup>1</sup>

Ou, também, um poeta contrário à arte abstrata produzida no Brasil (e vejamos: o mesmo poeta que tem trabalhos entusiastas sobre pintores como Piet Mondrian, Jean Dubuffet e Joan Miró):

Por que v. não toma a frente de um movimento contra essa arte abstrata? V. vai responder que está cansado e desinteressado. Acredito também que no Brasil não há clima político para isso pois a carta do maestro Camargo Guarnieri caiu dentro de um medo geral. Mas você com sua autoridade podia muito bem tomar a frente de um movimento de denúncia do abstracionismo em pintura, de seu equivalente atonalismo da música e do neoparnasianismo-esteticismo da Geração de 1945. Eu namorei essas coisas quando estive no Brasil. E quando vim para a Europa compreendi o que havia por debaixo de tudo isso e o trágico que é para nós brasileiros nos entregarmos a todos esses requintes intelectuais.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Carta a Manuel Bandeira, de 3 de setembro de 1949, *apud* SÜSSEKIND, Flora. **Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001, p. 114.

<sup>2</sup> Carta a Manuel Bandeira, de 11 de dezembro de 1951, *apud* SÜSSEKIND, 2001, p. 145-146.

# AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

De certo modo, essas informações algo surpreendentes tendem a nos transmitir uma imagem mais real de um escritor em vias de constituição e fixação de um modelo estético próprio. Ajudam-nos também a compreender um pouco mais sobre outras facetas de sua obra, algumas das quais aparentemente contraditórias entre si. Situam-nos, assim, como testemunhas da diversidade e do diferente ao já-assentado e ao fato estável quanto à poética do autor.

Como sabemos, quem se vale de cartas para expressar o que pensa ou sente o faz por considerar esse gênero espaço propício a assuntos velados e não necessariamente oficiais, o que explicaria a contundência sem receios presente no último trecho. Assim, o gênero deixaria Cabral à vontade para expressar sem espécie suas reflexões no momento. Isso é tão certo que, se observarmos outras falas do poeta ao longo da vida, não encontraremos nada de semelhante no que toca à implicância contra o abstracionismo; pelo contrário, até: o poeta não deixa de, num ou noutro poema, elogiar e apresentar artistas defensores da abstração, ainda que não forçosamente nacionais.

Polêmicas à parte, afirmações como essas de Cabral nos ajudam a compreender um poeta em construção; às vezes, até, aparentando posições contundentes e de uma convicção acesa, mas passível, como se veria futuramente, de se desfazer em seu oposto (e mesmo sem a contradição se revelar um traço majoritário em sua obra). Esse comportamento, por sua vez, nos ajuda a entender uma defesa sua da diversidade e da mudança, isso, sim, algo recorrente e pouco ignorado por João Cabral, ao menos segundo o que nos fazem crer certas entrevistas, dentre as quais destacamos a que segue:

Eu tenho a impressão de que, se o artista se repete, não faz sentido que continue produzindo. Eu, se quisesse, poderia ter feito mais dezenas de *Morte e vida Severina*. Mas para quê? O intelectual brasileiro, por exemplo, que não vive de escrever, não tem nenhuma razão para ficar se repetindo. Isto não vai ser suficiente para garantir sua sobrevivência, mesmo que ele tenha feito sucesso com um determinado tipo de obra. De certo modo, acho que nós, escritores brasileiros, temos essa sorte de podermos produzir o que quisermos, sem compromisso.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> MELO NETO, João Cabral de. Considerações do poeta em vigília [entrevista]. **Cadernos de Literatura Brasileira**, São Paulo, vol. 1, p. 18-31, mar., 1996, p. 25.

# AFLUENTE

## Revista Eletrônica de Letras e Linguística

De modo concreto e conciso, bastaria comparar dois livros como *Psicologia da composição* [1947] e *O cão sem plumas* [1950] para descobrirmos em pouco tempo uma obra bem mais diversa do que a que estamos acostumados a conceber. Mas esses seriam casos ao extremo. Vejamos, segundo e seguindo ordem cronológica, algumas de suas obras e o que poderíamos apontar nelas como fator mais distinto com relação às demais.

*Pedra do sono* [1942], o primeiro livro do autor, tem traços fortemente surrealistas. Sua segunda obra, *Os três mal-amados* [1943], apesar de poética, tem estrutura dramática. *O engenheiro* [1945] assegura na obra do escritor a presença de uma literatura metalinguística e amparada num contralirismo, o que se repetirá, agora de modo teórico, em *Psicologia da Composição* [1947] (um exemplo possível daquela “literatura gagá e torre-de-marfim” referida há pouco). *O cão sem plumas* [1950] inaugura nele uma visão social às claras (por sinal, é essa perspectiva nova no poeta que justifica o ranço contra o abstracionismo presente no excerto que citamos pouco acima). Nesse momento, parece que o escritor consegue aliar com sucesso “cerebralismo” e “visão social”. Além disso, em *O cão sem plumas*, a imagem é um elemento-chave, o que nos reporta também a *Uma faca só lâmina* (1955), obra que, a seu turno, incorpora o impulso metalinguístico, algo teórico, de *Psicologia da composição* e a presença incisiva da imagem de *O cão sem plumas*. O social desaparece de *Uma faca só lâmina* para reaparecer em *O rio* [1954], cuja temática, aliás, é a mesma de *O cão sem plumas* (como o será também em *Morte e Vida Severina*, 1955, que, ao contrário das demais, é estruturada em forma de auto de natal). Só que, em *O rio*, as marcas primordiais são o despojamento da imagem e a proximidade à prosa. Depois disso, podemos nos acercar de um João Cabral da regularidade, da obra como um construto em sua inteireza, ou seja, do livro inteiramente arquitetado, montado quase à régua e, em geral, no compasso de números pares. Exemplos desse tipo de trabalho são *Paisagem com figuras* [1955], *Quaderna* [1960], *Serial* [1961] e *A Educação pela Pedra* [1966]. Quando o poeta já não alcança uma montagem tão precisa, colige os textos num conjunto mais solto, um verdadeiro *Museu de Tudo* [1970]. Inclusive, essa liberdade imprevista, depois de tanto discurso sobre precisão e regularidade, merece de sua parte uma emenda em forma poética:

# AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Este museu de tudo é museu  
como qualquer outro reunido;  
como museu, tanto pode ser  
caixão de lixo ou arquivo.  
Assim, não chega ao vertebrado  
que deve entranhar qualquer livro:  
é depósito do que aí está,  
se fez sem risca ou risco.<sup>4</sup>

Esses seriam, de modo geral, alguns exemplos da diversidade e da variedade em João Cabral de Melo Neto. Poderíamos continuar nossa lista com os livros do final de sua carreira, mas, com isso, estaríamos apenas repetindo o já-falado, com aspectos pontuais ora de um ora de outro material. É certo que essa variedade não rompe de modo concreto com os qualificativos já assentes sobre o poeta e sua obra. Metaforicamente e encurtando um tanto as implicações que o assunto demandaria ainda, poderíamos afirmar que há nesse movimento de mudança em meio a um quadro de permanência algo do que o próprio poeta estabelece, em seu “Poema(s) da Cabra” [de *Quaderna*], como sendo característica fundamental do bicho que dá nome ao texto:

Viva demais para não ser,  
quando colaboracionista,  
o reduzido irreduzível,  
o *inconformado conformista*.<sup>5</sup>

Mesmo porque a “cabra é pedra” (p. 242), “*jamais contemplativa*” (p. 243) e “não deixa/lazer para ser fina ou lírica”, predicativos que calham com o que o poeta fazia valer para si na maior parte das vezes. É certo que esses versos reforçam a perspectiva do mais-do-mesmo. Só que não se deve ignorar que há espaço, nessa cabra, para ser também “colaboracionista”. É verdade: a cabra “*não é jamais contemplativa*”, repetindo; mas, ela o é “mesmo ruminando”. A ruminação indica o que ainda não é mudança, é só reflexão; mas, o ser colaboracionista se aproxima da oficialidade do mais estável e estanque. Resumindo: há nesses versos uma dupla perspectiva, algo que, aliás, se resolve no movimento também duplo do “*inconformado*

<sup>4</sup> MELO NETO, João Cabral de. O Museu de Tudo. In: \_\_\_\_\_. **A Educação pela Pedra e Depois**. 3 impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 43.

<sup>5</sup> MELO NETO, João Cabral de. *Quaderna*. In: \_\_\_\_\_. **Serial e Antes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 241.



*conformista*”. Ou seja, a cabra é Cabral (com o perdão do trocadilho). Não é de nosso interesse, contudo, estabelecer uma ligação estrita entre símbolo e pessoa. O que acontece é que, para caracterização da cabra, o poeta se vale de alguns argumentos, que, em suma, se encaixam com essa perspectiva (possível de ser resgatada em confissões do próprio escritor sobre si) do que permanece e do que muda, do ser-um e do ser-um-outro, do que já se assentou e do que pode mudar.

E é justamente em meio a discussões de mudança e outras possibilidades que se enquadra o dossiê temático desta edição da revista *Afluente*. A partir de agora, deixamos abaixo pequenas apresentações dos textos publicados neste número. Começamos com aqueles que compõem nosso “Dossiê temático” sobre João Cabral de Melo Neto. Em seguida, aparecem os artigos com temática livre. Por final, os leitores contarão com produções artísticas, uma resenha e uma entrevista.

### **Dossiê Temático**

Como componentes deste Dossiê Temático, os leitores encontrarão quatro artigos de abordagem distinta uma das outras. São eles: “Um retrato inconsútil: João Cabral de Melo Neto, poeta, editor e impressor brasileiro” (de Priscila Monteiro), “Poesia, engenharia, sociedade: os anos de formação de João Cabral de Melo Neto” (de Bruno Gambarotto), “O *homem aquém* na lírica e na prosa regionalista brasileira” (de Maria Braga Barbosa) e “De rios e de homens: A humanização na lírica cabralina” (de Maria Aparecida Barros de Oliveira Cruz).

Em “Um retrato inconsútil: João Cabral de Melo Neto, poeta, editor e impressor brasileiro”, Priscila Monteiro desenvolve artigo sobre “O Livro Inconsútil”, projeto editorial e tipográfico articulado por João Cabral entre 1947 e 1953, período quase que totalmente compreendido à cidade de Barcelona, onde o escritor teve atuação diplomática. Priscila Monteiro apresenta uma historiografia das 14 edições realizadas sob o selo editorial de “O Livro Inconsútil”, através do qual o escritor de *A educação pela pedra* pôde lançar não só obras próprias (como *Psicologia da composição* e *O cão sem plumas*), como também de escritores catalães a exemplo de Joan Brossa e Juan Eduardo Cirlot e de expoentes da literatura nacional,



# AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

como Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes, Lêdo Ivo e Joaquim Cardozo. Em meio à cronologia comentada dessas publicações, a autora cita fragmentos raríssimos de correspondências entretidas por João Cabral e escritores de nossa literatura (a exemplo de Clarice Lispector e Guimarães Rosa, sem contar os já referidos). O cuidado com essas edições de “O livro inconsútil” é, por vezes, associado pela autora ao esmero de João Cabral de Melo Neto na condução e arquitetura de sua própria poesia.

Em “Poesia, engenharia, sociedade: os anos de formação de João Cabral de Melo Neto”, Bruno Gambarotto passa em revista as primeiras publicações de João Cabral, cobrindo um período que vai de *Pedra do sono* (1942) a *Psicologia da composição* (1947). Disso, o autor destaca momentos em que se projetam na poesia cabralina embates de cunho social entre um mundo passado e inovações urbanas figuradas inclusive por menções arquitetônicas. Enquanto segue nesse trajeto, Bruno Gambarotto estabelece vez ou outra aproximações e afastamentos possíveis entre essa poesia cabralina em construção e o debate estético-ideológico estabelecido também por poetas como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Mário de Andrade. Ao final, Bruno Gambarotto aponta o que, segundo ele, seriam fracassos de ordem ideológica por parte do poeta, uma vez que “as esperanças urbanas de Cabral”, articuladas e sedimentadas nessa poesia de início, se revelariam como pura e simples “ingenuidade progressista”.

Já em “O *homem aquém* na lírica e na prosa regionalista brasileira”, Maria Braga Barbosa pretende um estudo comparativo entre Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto; por fim, a autora acaba desenvolvendo um texto centrado majoritariamente no poeta de *O cão sem plumas*. O tema do ensaio é a condição do “homem aquém”: um debate sobre as implicações de sujeição humana e mecanismos de exploração social. Ao fim, Maria Braga Barbosa chega a apontar rapidamente o que considera um ponto distintivo entre ambos os escritores: uma não-aceitação apresentada pelas personagens de Guimarães Rosa diante das injustiças flagrantes; ao contrário de João Cabral, que tenderia a apresentar um ser humano sugado e tragado pela máquina social.

No artigo “De rios e de homens: A humanização na lírica cabralina”, Maria Aparecida Barros de Oliveira Cruz desenvolve uma leitura comparativa entre o poema “Na morte dos rios” (de *A Educação pela Pedra*) e o livro *O cão sem plumas*, ambos de João Cabral. O objetivo da

# AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

autora é analisar a relação imagética estabelecida pelo poeta ao aproximar os elementos “rio” e “homem”. Para a análise, Maria Aparecida Barros de Oliveira Cruz se vale, entre outros, de dois conceitos de João Alexandre Barbosa (“transitividade” e “intransitividade”). Através desses conceitos, a autora aponta aquilo que no poeta teria projeção social (traço da “transitividade”) e o que se reverteria em discurso sobre a própria poesia (traço da “intransitividade”). Para a autora, a tensão implicada nessa dupla via destaca em João Cabral um texto de feição e interesse humanizadores.

## Temática livre

Em “A obra literária de Alexandre Herculano: conjunção entre indivíduo e nação”, Carla Carvalho Alves procura estabelecer uma nova visada crítica sobre a obra do escritor português Alexandre Herculano, sobretudo no que diz respeito à apreciação dos livros *O Bobo* e *O Monge de Cister*, não raro negligenciados pela historiografia da Literatura Portuguesa. Essas obras acabariam ofuscadas diante da valorização de *Eurico, o Presbítero*, ainda hoje considerada a *magna opera* de Herculano. Para Carla Carvalho Alves, essa visão laudatória a *Eurico, o Presbítero* deve-se ao fato de ela encarnar um papel de “exemplaridade do passado medieval para um presente em decadência”, algo que faltaria em *O Bobo* (tendo em vista seu “descompromisso ante a heroicidade histórica”), algo de que não se exime também *O Monge de Cister*, ainda que em menor projeção.

Em “A Situação de Publicação de ‘Joana d’Arc’ de Eça de Queirós”, Giuliano Lellis Ito Santos procura estabelecer, como ele mesmo afirma, “o espaço de experiência histórica de leitura” de “Joana d’Arc”, artigo de opinião publicado pelo escritor português Eça de Queirós no periódico carioca *Gazeta de Notícias*, em setembro de 1894. Através de conceitos da Estética da Recepção, o autor do artigo tenta perscrutar o contexto em que surge o texto de Eça de Queirós e as principais implicações de leitura interna e externa do mesmo texto. Giuliano Lellis Ito Santos chega à conclusão de que seria possível estabelecer um paralelo entre a consolidação da nação francesa e a consolidação da República Brasileira, algo que se estabeleceria por meio da figura



# AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

icônica de santa Joana d'Arc, cuja história pessoal (com alcances de múltipla ordem) é tratada por Eça de Queirós em seu artigo.

Em “*Os guarda-chuvas cintilantes* e a constituição do sujeito na história”, Márcio Jean Fialho de Sousa aborda a obra *Os guarda-chuvas cintilantes* (1984), da escritora portuguesa Teolinda Gersão, discutindo alguns aspectos correntes à abordagem pós-moderna, como o da fragmentação e descentralização do sujeito. Formalmente, essa dissolução do eu presente em *Os guarda-chuvas cintilantes* projeta-se na própria escolha do gênero a que a narrativa se propõe: o diário. Em nível técnico, a labilidade da estruturação do gênero na narrativa acaba por corresponder à própria instabilidade dos sujeitos (personagens) que compõem o enredo do romance em questão.

No artigo “O Estupro sob a Ótica Feminina: violência de gênero na literatura”, Cláudia Nigro, Juliane Chatagnier e Michelle Laranja percorrem uma ou outra obra de três nomes da literatura brasileira moderna-contemporânea: Lygia Bojunga, Daltron Trevisan e Conceição Evaristo. As autoras do artigo estudam narrativas de Bojunga, Trevisan e Evaristo que lidam sobre a temática do estupro. Ganham destaque no texto questões sociais relativas ao tema, tais como a discussão do papel feminino na sociedade e a violência contra a mulher (dentro ou fora do circuito doméstico). As autoras consideram, por fim, que as narrativas citadas tendem a refletir uma violência que, socialmente, existe, cresce e persiste em grande escala e de forma preocupante.

Mas os artigos produzidos não se reduzem apenas à crítica literária, à sociologia da literatura ou à crítica cultural. Esta edição da *Afluente* conta também com um artigo na área de Língua Portuguesa: “Ensino e aprendizagem de ortografia: uma breve análise sobre alterações ortográficas”. Maria Aldetrudes de Araújo Moura Paula Quadros, Cristiane Silva dos Santos Monção e Lucirene da Silva Carvalho, autoras do texto, analisam a escrita de alunos do 6º ano de uma escola pública. O objetivo é verificar na escrita desses alunos possíveis desvios da norma gramatical quanto ao uso da ortografia em Língua Portuguesa. Depois de fazer uma extensa revisão da literatura sobre o assunto e de analisar os textos dos alunos em paralelo a essas teorias





elencadas, as autoras apontam como motivos correntes para esses desvios aqueles de natureza tanto fonológica, quanto ortográfica propriamente dita.

### **Resenha, Produções Artísticas e Entrevista**

Pondo em miúdos o que apenas sugerimos logo acima, os leitores vão encontrar também, neste número da Afluente, texto de Maurício Silva sobre o *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*, uma resenha acerca da republicação, datada de 2013 e feita pela editora Cosac Naify, de um texto-chave do teórico e dramaturgo Augusto Boal. A Afluente traz ainda um conto de Ivan Moura Silva e dois poemas de César de Oliveira. Por fim, os leitores contam com uma entrevista realizada com o professor, poeta e crítico Marcos Siscar, que discute um pouco sobre a poesia nacional e antologias recentes nesse gênero, dentro da literatura brasileira contemporânea.

Como vemos, os assuntos são os mais diversos e as perspectivas de abordagem teórica também. Alguns artigos se manifestam mais próximos à crítica literária, outros à crítica cultural. Fica, ao fim, o senso da multiplicidade. Por ora, boa leitura e boa viagem pelos entremeios desses nossos mais novos Afluentes!

**Fábio de Oliveira**

Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão (*campus* III Bacabal)

Organizador